

Luciane Munhoz **Omena\***

Universidade Federal de Goiás – Goiânia/GO, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1039-3859>

[omena@ufg.br](mailto:omena@ufg.br)

Paulo Yoke Oliveira **Arima\*\***

Colégio Marista de Goiânia – Goiânia/GO, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9701-3438>

[arimahistoria@gmail.com](mailto:arimahistoria@gmail.com)

## Os meandros dos espaços de recordação no monumento funerário de Otávio Augusto (séc. I a.C – I d.C.)



### RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender os espaços da morte e suas relações com a produção social de memória, por intermédio do Mausoléu de Otávio Augusto, em diálogo com as narrativas textuais, investigando, com isso, o impacto da morte na corte romana. Para tanto, traçaremos reflexões acerca do conceito de memória e suas conexões aos monumentos mortuários de Roma, já que produziam, segundo se propõe, experiências sociais de recordação e rememoração de grupos ligados à *domus* de Otávio Augusto. Torna-se, então, relevante explorar o mausoléu augustiano, pois, juntamente com os integrantes das *gentes Iulia* e *Claudia* ali presentes, os símbolos e as insígnias incorporavam um cerimonial teatralizado, que coloca em cena o morto na estrutura de poder e sua posição nas gerações da família.

**Palavras-chave:** Espaço; Morte; Memória; Mausoléu; Família Imperial

\* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora Associada da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), Campus II. CV: <<http://lattes.cnpq.br/0630395552910286>>

\*\* Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente, é professor em escolas da rede privada de ensino em Goiânia. CV: <<http://lattes.cnpq.br/2116568044813436>>



## The spaces intricacies of remembrance in the Otávio Augusto funerary monument (1st Century BC – 1st Century AD)

### ABSTRACT

This article aims to understand the spaces of death and their relationship with the social production of memory through the *Mausoleum* of Otávio Augusto, in dialogue with the textual narratives, investigating, with this, the impact of death in the Roman court. To this end, we will outline reflections on the concept of memory and its connections to the mortuary monuments of Rome, as they produced, as proposed, social experiences of remembrance and remembrance of groups linked to the *domus* of Otávio Augusto. It is, therefore, relevant to explore the Augustinian mausoleum, since, together with the members of the *gentes lulia* and *Claudia* there, the symbols and insignia incorporated a theatricalized ceremonial, which places the dead in the power structure and their position in the scene from generations of family.

**Keywords:** Space; Death; Memory; Mausoleum; Imperial Family

## Los meandros de los espacios de recuerdo en el monumento funerario de Octavio Augusto (siglo I a.C – I d.C.)

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comprender los espacios de la muerte y sus relaciones con la producción social de memoria, por intermedio del Mausoleo de Octavio Augusto, en diálogo con las narrativas textuales, investigando, con eso, el impacto de la muerte en la corte romana. Por lo tanto, trazaremos reflexiones acerca del concepto de memoria y sus conexiones a los monumentos mortuarios de Roma, ya que producían, según se propone, experiencias sociales de recuerdo y rememoración de grupos asociados al *domus* de Octavio Augusto. Pasa a ser, entonces, relevante explorar el mausoleo agustino, ya que, juntamente con los integrantes de las *gentes lulia* y *Claudia* allí presentes, los símbolos y las insignias incorporan un ceremonial teatralizado, que coloca al muerto en la estructura de poder y su posición en la escena de las generaciones de la familia.

**Palabras clave:** Espacio; Muerte; Memoria; Mausoleo; Familia Imperial



## O ofício do historiador e seu desvelar nos espaços de recordação

**A**ntropóloga Aleida Assmann, em sua obra *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*, apresenta uma reflexão relacionada à função da memória. Para a autora, ao contrário da fama, que reverencia um acontecimento declarado pela sociedade como inesquecível com perspectivas orientadas ao futuro, a memória se orienta ao passado e avança passado adentro, por meio do véu do esquecimento (Assmann, 2011, p. 53). Essa assertiva acerca da memória, segundo a qual existe uma divergência entre memória e fama, também é norteadora de pesquisa para o historiador, haja vista que a memória é um mecanismo da consciência humana que nos permite obter diferentes representações do passado, e não só do passado de um indivíduo, mas de uma sociedade. A fama, por outro lado, cuja função está restrita ao futuro, com tendências a esquecer o passado, é também outro mecanismo que evoca a recordação, porém, com outro viés e objetivo. Portanto, cabe ao historiador recorrer à memória que, conforme aponta Assmann (2011, p. 17), “adentra o véu do esquecimento para lançar luz ao passado”. Assim, a memória contribui para elucidar a história de um grupo social, por meio dos espaços de recordação, quase sempre representados por monumentos, edifícios e lugares sagrados, ligados à morte ou à memória dos mortos, evocada pelos vivos.

Para elucidar o papel da memória, referente à pesquisa histórica, Assmann propõe o conceito de “memória cultural”, haja vista que a cultura engloba as produções de determinado grupo social e comunica a necessidade da recordação. Essas produções podem ser vislumbradas por meio dos monumentos, objetos e símbolos que reiteram a lembrança de indivíduos ou de grupos sociais e instituições. Para a autora, memória cultural é o conjunto de mecanismos de lembranças e recordações produzidos historicamente por uma sociedade. Neste processo, a cultura se vincula com a historiografia, objetivando as reminiscências do passado. Assmann afirma, ainda, que há uma conexão entre a memória cultural e a memória comunicativa. A segunda se define pela oralidade que transmite às tradições e costumes, às gerações futuras. Há, então, um paralelo entre elas, pois a memória cultural atravessa diversas épocas e se armazena em textos normativos, enquanto a memória comunicativa, que frequentemente liga três gerações consecutivas de indivíduos ou grupos sociais, se baseia em lembranças legadas oralmente pelas tradições (Assmann, 2011, p. 17). A história, enquanto ciência, é um elo entre essas duas condições da memória, pois o historiador normatiza seus textos mediante fontes de documentação, espaços e materialidades. Os testemunhos e relatos da memória comunicativa, mediada pela oralidade, por vezes também são transmitidos nos espaços de recordação.

Com base nessas assertivas teóricas, verticalizamos nossa análise sobre os monumentos mortuários de Roma que, em nossa percepção, permaneceram como instâncias reguladoras de recordação. Com vistas à memória cultural, supomos que o Mausoléu de Otávio Augusto se transformou em um espaço de recordação e representação das famílias imperiais *Iulia* e *Claudia*, que integravam a chamada *domus augustae*. Sabemos que a *domus* caracterizava tanto a casa imperial, onde viviam os parentes mais diletos do *Princeps*, quanto o grupo social de maior prestígio no Principado, formado não só por familiares do imperador, como por políticos e



amigos de convívio dele. Enquanto espaço físico, a *domus* era um tipo qualificado de residência, muito comum aos membros da elite política romana. Vários cônsules ou magistrados da velha República (séculos VI a.C. a II a.C.) fundaram suas casas, que perpetuaram entre várias gerações de suas famílias. Para o caso de Augusto, o espaço físico de sua *domus* se localizava no monte Palatino, lugar em que várias famílias importantes consolidaram suas moradias.<sup>1</sup>

As famílias romanas procuravam enaltecer os feitos de seus membros falecidos, recorrendo à ancestralidade que configurava as chamadas *gentes*<sup>2</sup>, evocando a memória de seus mortos. Nesse sentido, o Mausoléu é um edifício mortuário, que não só serviu para guardar as cinzas de Augusto e os mortos de sua família, mas também foi um monumento memorial, construído para a exaltação eterna (pós-morte) daquelas famílias integrantes da casa imperial, fundada por Otávio Augusto. Levando-se em consideração o papel social e político do Mausoléu, passamos a discutir a localização e a logística das necrópoles urbanas na cidade de Roma que, vinculadas às estruturas públicas da *urbs*, produziam, ao mesmo tempo, imagens de pertencimento, e por outro, imagens de disputas políticas na comunidade dos vivos.

## Rituais de sepultamentos em Roma e sua logística nas vias de acesso da cidade

Ao andarmos pelas vias de Roma, deparamo-nos, ainda hoje, com vestígios materiais de edifícios tumulares, fragmentos de relevos, sarcófagos e pavimentos originais que se transformaram em testemunhos do passado. Nestas paisagens, as ruas estreitas, o trânsito intenso e os passantes, muitos deles turistas, compõem os principais espaços das necrópoles romanas. Citamos a *Via Appia*. Nela, encontramos monumentos funerários, como o exemplo dedicado a Tibério Cláudio Segundo Filipiano<sup>3</sup> e seus familiares, ou sepultamentos, como, por exemplo, os columbários dos libertos de Livia Augusta e Augusto. Sabemos que tais enterramentos localizavam-se abaixo da superfície e foram recorrentes à época da República e Principado. Vinculados aos rituais de cremação<sup>4</sup>, os *columbaria* representavam, em termos simbólicos, grupos sociais unificados e respeitáveis, os quais abrangiam cidadãos, libertos e escravos. Em geral, seus interiores lembravam os pombais, à medida que suas paredes eram pontilhadas com linhas regulares de nichos com urnas e decorações. Como podemos perceber nas Figuras 1 e 2:

<sup>1</sup> Para maiores informações sobre *domus* e casa imperial, sugerimos os seguintes autores: Filippo Coarelli (1984); Saller, (1997); Omena e Funari (2016), entre outros mais.

<sup>2</sup> *Gens* é o termo romano que remete à ancestralidade de uma família. Uma *gens* era formada não somente por familiares vivos, pertencentes à sociedade romana, mas também por todos os parentes, falecidos e originários das famílias, que eram evocados em rituais e cerimônias públicas, como funerais, jogos (*ludi*) e festas do calendário. Para maiores informações sobre assunto, consultar os autores: Morris (1992) e Smith (2006).

<sup>3</sup> Este monumento funerário possui uma datação entre a primeira metade do século I e início do século II d.C. Em sua estrutura percebe-se ainda um núcleo de cimento e revestimento de base em travertino. Isto nos leva a supor que o monumento poderia apresentar algum tipo de torre, talvez com cobertura piramidal, culminando com as estatuas dos defuntos. Consultar Soprintendenza Speciale Per I Beni Archeologici Di Roma (2014). *Via Appia – Guida*. Milano: Montadori Electa S.P.A., 96p, p. 75.

<sup>4</sup> Para maiores detalhes acerca dos rituais de sepultamento, consultar: Morris (1992); Bodet (2000); Williams (2004 e 2016); Matterné & Derreumaux (2007); Camilli & Taglietti (2018), etc



**Figura 1.** Columbarium dos Cipiões que se localiza na *Via Appia* nas proximidades do Arco de Druso. Nele, percebem-se o formato de pombais e a presença dos fragmentos de cores em vermelho, amarelo e verde

**Fonte:** Fotografia de Omena, 2014



**Figura 2.** Columbarium dos Cipiões. Fragmento de pintura com ornamentação floral

**Fonte:** Fotografia de Omena, 2014

Nos estudos de Lindsay Penner (2012, p. 143-158), o *monumentum Liviae*, o *Monumentum Filiorum Drusi* e o *Monumentum Marcellae* pertencem às relações íntimas do imperador Augusto (27 a.C. – 14 d.C.). O primeiro foi associado à casa da esposa de Augusto, Livia, o segundo ao filho de Livia, Druso e sua família imediata, e o terceiro à família de Marcela Menor, sobrinha de Augusto e filha de sua irmã Otávia. Centrada nos estudos de gênero, Penner propõe que as diferenças no foco comemorativo destas *columbaria* vão do casamento ao patrocínio de ofícios. Sugere ainda que os grandes domicílios romanos não eram idênticos.

Constituíam um senso de identidade e comunidade vinculados à vida de seus membros e suas mortes. Tais elementos indicam a criação de distintas estruturas sociais para libertos e escravos. Sabemos que as experiências sociais de escravidão variaram nas *domus*; por isso, em algumas residências, escravos teriam sido encorajados ao matrimônio e à procriação, enquanto, para outros, a ênfase recaía aos ofícios. Nas palavras de Penner (2012, p. 143-158), cada família se torna, por assim dizer, uma unidade individual com sua hierarquia, capacidade e necessidade específica.

Essa complexa arquitetura social que se vincula aos aspectos mortuários na sociedade romana se torna fonte de inspiração e curiosidade do público. Não é sem razão que, ao verificar os guias turísticos de Roma, ver-se-á, em grande medida, a presença das necrópoles. À vista disso, a *Soprintendenza Speciale per i Beni Archeologici di Roma* sugere aos visitantes o seguinte percurso: inicia-se na Porta de São Sebastião, a antiga Porta *Appia* com a muralha construída no período do século III d.C., sob as ordens do imperador Aureliano. Em suas imediações, temos o Arco de Druso, o *Museo della Mura* e o sepulcro da *gens* dos Cipiões. Em seguida, visitam-se a tumba cilíndrica e os túmulos de Horácio, Geta e Priscila, esposa do liberto de Domício, Tito Flávio Abascanto. Mais adiante, o visitante encontra a Catacumba de São Calisto, construída no século III d.C. Esta designa a extensão de um sistema de túneis usados para o sepultamento. Tais túneis caracterizaram a paisagem funerária tardia e forneciam aos romanos<sup>5</sup>, cristãos e mártires, como, por exemplo, Santa Cecília, enterramentos nas proximidades da cidade.

Como propõe Barbara Borg, (2013 p. 88) os restos mortais de Calisto, talvez, tenham sido depositados na catacumba, estimulando, deste modo, a transformação do espaço em um *hypogonium*. Há igualmente a presença de escravos e nomes de classes mais baixas, levando a crer que foram adicionadas no decurso do século III d.C. Sugere-se um benfeitor particular, já que o espaço não teria sido concebido para uma comunidade mais ampla. Na percepção da autora, a área AI possui evidência de patronato cristão. Nela, sugere-se a inclusão de muitas pessoas, as frases possuem termos com iguais locais de sepultamentos e a área estava associada ao culto dos mártires. Logo, o local deve ter sido gerido pelo mesmo proprietário (ou seus indicados), que permitiu e regulou a escavação de galerias e sepultamentos dentro deles.

Assim, Barbara Borg (2013, p. 88) discorda que a vasta área da necrópole seria gerida pelos cristãos. Se toda a área estivesse à disposição da comunidade cristã, e se fosse um enterramento coletivo dos adeptos de uma fé comum, motivando, com isso, a criação de catacumbas, seria difícil justificar que os três complexos do *hypogonium* fossem mantidos separados até o quarto século. Ademais, seria necessário assumir que estes mesmos cristãos, que, neste caso, teriam também propriedades nas necrópoles, acomodariam enterros pagãos, inclusive túmulos de libertos imperiais e equestres. A partir das inscrições colhidas na área,

<sup>5</sup> É importante destacarmos que os enterramentos subterrâneos – catacumbas – incorporavam indivíduos e familiares vinculados aos grupos latinos e cristãos, pois, ao considerarmos as catacumbas, foram encontrados registros bíblicos e míticos em seus interiores. Ademais, o percurso da Via Appia possui ainda algumas necrópoles como Catacumba de São Sebastião e Catacumba hebraica da Vigna Randanini; nas Vias Ardeatina e Sette Chiese encontra-se a Catacumba de Domitila; já na via Salaria, o viandante vai encontrar a Catacumba de Priscila e, por fim, na via Nomentana, temos a Catacumba de Santa Inês. Com a finalidade de ampliar as discussões sobre as catacumbas, sugerimos Barbara Borg (2013).

emerge um quadro que é familiar a partir de outras necrópoles, já que se apresentou uma série de túmulos, como, por exemplo, mausoléus de vários tamanhos e desenhos intercalados com enterramentos mais pobres.

Nestas imediações, os viandantes podem ainda apreciar o Mausoléu de Rômulo, filho do imperador sepultado em 309 d.C., o Mausoléu de Cecília Metela, o Mausoléu Rotondo e o sepulcro de S. Urbano. Ademais, o percurso conta com a tumba dórica e as sepulturas de Hilário Fusco, Quinto Apuleio e *Rabiri*,<sup>6</sup> entre outros complexos sepulcrais que, instalados acima da superfície, conduzem os viajantes aos fragmentos do espaço mortuário.

Neste percurso ressurgue uma questão imprescindível: a visibilidade. Construíam-se sepulcros nas *viae* romanas, à medida que se tornavam espaços de acesso das cidades.<sup>7</sup> Por exemplo, projetada, inicialmente, em 312 a.C., durante a segunda guerra samnita a *uia Appia* se transformou em uma estrutura de comunicação, complexa e articulada. Ligada à Cápua, compunha estruturas que facilitavam a circulação dos passantes, como as *columnae miliariae* que indicavam as distâncias, milhas por milhas. Como sustenta Benet Salway (2001, p. 32-33), tipicamente colunar, as *miliariae* traziam textos comemorativos e figuras que representavam, em especial a distância e as extremidades das *viae* – *caput viae*. O viajante possuía ainda uma lista do itinerário de distâncias entre as estações, possibilitando, dessa forma, julgar a parada mais apropriada, a cada noite, e instalar-se em uma *mansio*, podendo, portanto, calcular o número de dias necessários a alcançar o destino desejado.

Isso nos leva a propor que as *viae publicae*, como, por exemplo, a *Via Appia*, contavam com uma infraestrutura que ampliou o movimento de viajantes, bens e ideias. Os vestígios materiais, como os aquedutos, indicavam instalações de água que, projetadas, muitas vezes, para o abastecimento das tropas, serviram igualmente aos viandantes, com distintas motivações, poderiam descansar e se alimentar nestas paragens. Assim, o desenvolvimento das *viae* permitiu o crescimento do comércio e da imigração, ligando Roma aos seus territórios. Logo, havia alterações nos padrões de produção e consumo. Embora não queiramos, pelo menos, neste artigo, discutir questões associadas à globalização, ainda que estejamos de acordo com Lidewijde de Jong, (2017, p. 182-186) destacamos que as formas culturais globais e locais não são opostas, mas interconectadas. Personalizadas nos processos de interpretação, tradução e apropriação, as cidades mantinham suas próprias especificidades e produziram adaptações locais da cultura global.

O enterramento se tornou um exemplo disso. No contexto Sírio, Lidewijde de Jong afirma:

*O registro material que não seria tão “romano”, na verdade, continha pistas sobre os sírios à época do Império Romano. Tomemos, por exemplo, a popularidade de retratos funerários. Estelas tiveram precursores pré-*

<sup>6</sup> Esta tumba é interessante, datada do século I d.C., apresenta um relevo com busto e uma inscrição em homenagem à sacerdotisa de Ísis, Usia Prima. Além disso, o viandante pode vislumbrar os sepulcros dos Festoni, fragmentos de três sepulcros em formato de câmara, uma tumba quadrangular em forma de arco, o túmulo dos Curiazii (datado entre os fins da Res Publica e início do Principado), túmulo piramidal, entre outros.

<sup>7</sup> Para maiores informações sobre as vias romanas, consultar: Ray Laurence (1999); Anne Kolb (2019, p. 3-21), entre outras referências.

*romanos, e pode-se explicar a ocorrência generalizada de retratos em tumbas romanas na Síria como emergentes de práticas mais antigas. Em outras palavras, esses relevos ligavam-se às tradições locais. O período romano testemunhou um aumento da produção de tais estelas, bem como a sua expansão para novas regiões da província. O problema com tal raciocínio é que a popularidade dos retratos funerários não se limitava à Síria, mas, em vez disso, se estendia por todo o mundo romano. Os retratos representavam novas formas de exibir e anunciar a identidade individual e de grupo para muitas comunidades provinciais, bem como para as pessoas em Roma. O uso de retratos funerários na Síria, apesar dos antecedentes pré-romanos, não poderia ser considerado apenas um fenômeno local (Jong, 2017, p. 175 e 176).*

Esta emergência de divulgação dos familiares e dos membros da comunidade vinculava-se às necrópoles urbanas que, localizadas nas *uiae* romanas, conectavam-se às estruturas de planejamento urbano, trazendo, com isso, conceitos de exibições, influências estilísticas nos conjuntos arquitetônicos e em suas decorações. O *mausoleum* de Otávio Augusto é um exemplo. A sua forma circular é encontrada em templos circulares de Roma. Ao considerarmos as pesquisas de Lidewijde de Jong (2017, p. 207), a região de Hauran, ao Sul da Síria e ao Norte da Jordânia, possuíam tumbas circulares da Idade do Bronze que, ainda visíveis, forneceram modelos arquitetônicos para a população. Para a estudiosa, a monumentalização da arquitetura funerária coincidiu com a mudança demográfica, com o desenvolvimento agrícola e com a presença de novos colonos. Temos duas questões interconectadas: os enterramentos urbanos permitiram readaptações de estruturas tumulares anteriores e, em segundo, a conexão entre as regiões do império, permitiu, sobretudo, a troca de bens culturais. Portanto, sendo factível a presença de estruturas circulares em Roma e em Hauran.

Em consonância à hipótese de Lidewijde de Jong, (2017, p. 190 e 191) em se tratando das estruturas cemiteriais, para usarmos o conceito moderno, as necrópoles urbanas, associadas às *uiae* romanas, permitiram, em termos espaciais e visuais, que seus mortos fossem representados pela comunidade urbana. Conectados às *uiae* de comunicação e cercados de arquitetura cívica, como, por exemplo, o *Mausoleum* no Campo de Marte, como discutiremos mais adiante, edifícios e monumentos funerários se tornaram parte de uma comunidade, urbana e cívica. A proximidade de um anfiteatro ou de um santuário significava não apenas que as procissões fúnebres atravessariam uma paisagem cívica, mas também que os visitantes de jogos ou cerimônias religiosas transpassariam as necrópoles. A memória dos mortos permaneceria ligada à cidade. Inscrita na permanência das estruturas das tumbas, os visitantes deambulariam através de campos, jardins, edifícios religiosos e de entretenimentos (Jong, 2017, p. 190-191). Citamos, aqui, o Campo de Marte, porém poderíamos incluir as *Viae Appia* e *Ostiense*, em Roma, Pompeia, *Isola Sacra*, entre tantas outras.

As necrópoles se transformam em espelhos sociais das cidades. Expressavam as experiências sociais que se vinculavam às questões de idade, gênero, ofícios, magistraturas, formações familiares e *status*. Nelas, podemos perceber diferentes posições sociais, tais como referenciamos, por exemplo, anteriormente, os *columbaria*. Escravos e libertos imperiais se transformaram em membros permanentes da comunidade romana, o que representa um dado





significativo: compartilharam e competiram pelos espaços sociais. Na *Via Ostiense*, a Tumba do Padeiro e a Pirâmide de Caio Céstio partilharam os ideais de respeito aos mortos (*pietas*), em um contínuo processo de integração entre vivos e mortos, como também disputaram os espaços de visibilidade.

As *uiae* das cidades permitiam o acesso de viajantes e familiares aos túmulos que, em momentos de enterramentos, realizavam banquetes fúnebres e festividades, com homenagens aos seus falecidos, como integrantes da comunidade. Nesta dinâmica, a posição dos monumentos e edifícios tornavam-se essenciais na paisagem. Havia uma orientação para a construção de túmulos para um público de transeuntes que se esforçavam em superar, um ao outro, em escalas, materiais, inovações nas formas e nas inscrições e decorações móvel e imóvel.<sup>8</sup> Quando a topografia não permitia visibilidade e, diríamos, a comunicação, elaboravam-se túmulos com estruturas de torres, tal como se verifica na zona rural da África Proconsular (Pearce, 2011, p. 134-158). Em se tratando de Roma, os Mausoléus de Cecília Metella, Augusto e Adriano possuíam proeminência visual e, ao que tudo indica, pretendiam gerar impressões emocionais aos transeuntes. Sabemos que a monumentalidade, a relevância das *gentes*, a espacialidade sagrada das necrópoles e suas associações aos edifícios cívicos e domésticos, poderiam agregar grupos sociais, ou, contrariamente, reunir adversários. Tal condição possibilita compreender que as experiências sociais e os espaços se vinculam aos processos de sensação, percepção e concepção de indivíduos ou grupos<sup>9</sup>, produzindo, como supomos, dimensões emocionais acerca dos rituais de sepultamento e suas reminiscências. É o que veremos a seguir.

## O entrelaçamento entre morte e memória nas necrópoles romanas

No mundo romano, os edifícios funerários e outros monumentos mortuários, como lápides e relevos, comunicavam mensagens referentes à celebração e à memória dos mortos para as gerações futuras, associando ideias de poder e identidade. É com base nessa afirmativa que identificamos diversos memoriais romanos, em formas de monumentos ou edifícios mortuários, por meio dos quais a arquitetura funerária se espalhou por todo o mundo romano (Davies, 2002, p. 65). Todo esse *corpus* imagético e monumental, referente aos mortos, bem como às representações literárias, imagéticas e monumentais de personagens públicos, em concordância com Maureen Carroll (2006, p. 26), representam uma extensão da arquitetura pública e privada dentro da cidade. Partindo dessas premissas, os monumentos são marcas espaciais e temporais, impregnados de memória e servindo, ainda, como instrumentos didáticos para o povo, pois comunicam uma intencionalidade, quase sempre política, mas também social, em se tratando das famílias nobres e seus mecanismos de manutenção do

<sup>8</sup> Para maiores informações sobre sepulturas, consultar: Omena e Funari (2020); Campbell (2015); Jong, (2017), entre outras.

<sup>9</sup> Para maiores informações acerca das experiências emocionais e seus significados espaciais, consultar: Tuan (1983).



*status nobilis* – notável.<sup>10</sup> Smith afirma que algumas *gentes* eram indiscutivelmente *nobiles* – notáveis. Ao estudar Tito Lívio, afirma que se encontra o termo *patricia gens*; com isso, Smith propõe que havia uma divisão das *gentes* em maiores e menores. Um indivíduo nascido livre, descendente de outro igualmente livre, sem ocorrência de *capitis diminutio*, herdaria o status de patrício e compartilharia com todos os outros membros de sua *gens* (Smith, 2006, p. 160). Esses mecanismos de sustentação do poder das *gentes* podem ser vislumbrados por intermédio das construções arquitetônicas espalhadas pela cidade de Roma. E sabemos, em razão disso, que os monumentos mortuários, as sepulturas em torno das vias de acesso e outras construções fúnebres também representavam o *status* das famílias romanas ligadas ao poder público. Cícero aponta que nenhum romano poderia ser sepultado ou depositado fora dos edifícios funerários da família. Para ele,

*tão importante é o caráter religioso das sepulturas que dizem não ser permitido depositar alguém fora do lugar dedicado à sua família. A jurisdição pontifical revela uma preocupação com os ritos e os detalhes de sua celebração. É inútil expor como se dá o luto de uma família que presenciou a morte e o tipo de sacrifício no curso do qual se imola um cordeiro aos Lares e como a terra se recobre sobre o osso recolhido, a imolação de uma porca e o momento que começa o sepultamento com o respeito religioso que o cerca.*<sup>11</sup>

Cícero apresenta os rituais de sacrifício que acontecem nove dias depois do funeral. Um holocausto era oferecido aos *Manes* e outro destinado aos *Lares*<sup>12</sup>, deuses da família, e ali no local da sepultura ou em outro edifício funerário ou na própria *domus* da família era realizado um banquete. Esses ritos celebravam a memória do morto e dependiam dos convivas dos funerais que cumpriam os ritos juntamente com a família. Nos rituais havia um tipo crucial de evocação ao passado, que perpassa diferentes representações definidas como sagradas. Nessa linha de análise, podemos afirmar que as representações encontradas em religiões antigas, tais como os fetiches, as máscaras mortuárias e objetos rituais eram considerados sagrados, já que corporificavam as normas e os valores daquela sociedade, contribuindo assim para

<sup>10</sup> Chamados de *status nobilis* a qualidade, referenciada pelas famílias abastadas, de pertencimento ao grupo dos patrícios, considerados descendentes de Rômulo, o lendário rei fundador da cidade de Roma. Algumas dessas famílias tinham mecanismos sólidos de manutenção no poder público, como o *cursus honorum*, relações de *amicitia*, magistraturas e colégios sacerdotais ocupados por membros da *nobilis*.

<sup>11</sup> [...] *totaque huius iuris compositio pontificalis magnam religionem caerimoniamque declarat. Neque necesse est edisseri a nobis, quae finis funestae familiae, quod genus sacrificii Lari verveibus fiat, quemadmodum os resectum terra obtegatur quaeque in porca contacta iura sint, quo tempore incipiat sepulcrum esse et religione teneatur.* Cícero, M. T. (s/d). *De Legibus*, II, LV. Cambridge: Loeb Classical Library. Traduzido da versão inglesa por Paulo Yoke Oliveira Arima.

<sup>12</sup> Na religião romana, os *Manes* e *Lares* eram espíritos ligados ao culto dos antepassados. Os *Manes*, segundo a crença, eram as almas dos familiares que abençoavam a família; enquanto os *Lares* eram espíritos de pessoas diversas ligadas à família romana. Podiam ser espíritos de escravos, libertos e outras pessoas da família, como parentes distantes de maior ou menor grau. Esses espíritos podiam ser benevolentes ou maldosos. Os *Lares*, no entanto, não estavam restritos somente ao círculo doméstico, havia aqueles que protegiam os assuntos do governo como os *Lares Praestites* e os que protegiam os viajantes como os *Lares Viais*. Esses cultos eram diversos e faziam parte do cotidiano religioso dos romanos, além dos *Manes* e *Lares* havia também os *Penates*, entre os quais estavam os espíritos de crianças que morriam precocemente nas famílias. Para maiores informações sobre o assunto, consultar: David Shotter (1991) Glinister, (2006); Rosa (2020).

unificá-la culturalmente (Woodward, 2009, p. 40-41). Dessa forma, entendemos que os rituais funerários serviam para unir a sociedade em torno de valores próprios do *mos maiorum*<sup>13</sup>, ligados à ancestralidade das famílias. A evocação dos personagens históricos e dos ancestrais eram frequentes nas orações fúnebres, bem como nas máscaras que representavam os mortos da família, durante a celebração do funeral. Assim, em concordância com a professora Cláudia Beltrão Rosa (2016, p. 47-65), a memória desses mortos dependia também da existência de descendentes ou de outras pessoas, por exemplo, o proprietário do terreno no qual o túmulo se localizava ou dos membros de um *collegium* funerário para a realização dos ritos.

O festival supracitado possuía um caráter público, uma vez que destacava o papel social dos mortos e tornava-se uma forma especial de celebração destinada à produção de memória. Durante a festividade, celebrada entre os dias 13 a 21 de fevereiro do calendário, conhecidos como *dis parentali*, os templos eram fechados e as famílias visitavam os túmulos, levando oferendas, flores e outros presentes para os parentes mortos. Esta festividade, portanto, incorporava a lembrança dos familiares; logo, expressava sua identidade mortuária em consonância com a promoção pública da imagem da família e de seu morto, ao interligar celebração e morte, por meio dos ritos fúnebres e das performances realizadas durante os cultos. Preces, chamadas pelos latinos de *suplicatio*, eram dirigidas aos *Manes*, entidades espirituais que representavam as almas dos entes queridos, assim como aos lares, deuses romanos com os quais uma família se identificava e celebrava culto, como forma de receber proteção e bênção. Augusto, após sua apoteose, ou seja, sua divinização, recebeu várias súplicas, que geralmente eram feitas diante do Mausoléu. Protagonista da sessão a seguir, passamos à discussão acerca do monumento de Otávio Augusto.

## O contexto de construção do Mausoléu de Augusto

Nossa proposta tem uma finalidade substancial: compreender o Mausoléu de Augusto e o espaço sob o qual foi construído, isto é, o Campo de Marte. Ambos fazem parte da espacialidade urbana e pública de Roma e sua apropriação, por diferentes famílias notáveis da época republicana e depois imperial, esteve inserida em um contexto de disputas políticas. As construções do Campo de Marte, as vias que por ele passavam e o Mausoléu de Augusto constituíam dispositivos de comunicação visual e memória, tendo em vista que a arquitetura romana era um mecanismo simbólico de pertencimento ao *mos maiorum*. Para tal desafio, destacamos a contribuição de alguns pesquisadores<sup>14</sup> que trabalham com a arqueologia romana e o Mausoléu de Augusto. Contamos também com os relatórios de escavações arqueológicas, entre os quais mencionamos os estudos organizados pela arqueóloga italiana

<sup>13</sup> O *mos maiorum* corresponde ao conjunto de valores e tradições das famílias notáveis, quase sempre ligadas às gentes fundadores da cidade. A conservação desses valores era evidente entre essas famílias que utilizavam diferentes recursos retóricos e artísticos para a manutenção de seus princípios. Sobre esse assunto, consultar duas obras da documentação como o *Carmen Saeculare* de Horácio e *De Re Publica* de Cícero, além de obras historiográficas como Guido Clemente (1990), Richard Saller (1997) e C. J. Smith (2006).

<sup>14</sup> Nossa investigação coletou dados de diversos autores contemporâneos que pesquisam sobre o Mausoléu Augustiano. Mencionamos, a saber pelo grau de relevância, os periódicos de revistas acadêmicas, produzidos por autores norte-americanos como os de Simon Wood (2010), sobre as reformas de Augusto no Campo de Marte.



Elisabetta Carnabuci.<sup>15</sup> Sua contribuição, conjuntamente com sua equipe, é notória para nosso levantamento catalográfico, correspondente aos achados arqueológicos dentro e fora do Mausoléu, dentre os quais mencionamos o projeto de análise das elevações, construídas ao redor do monumento, na chamada *Piazza Augusto Imperatore*.

Sabemos que o espaço denota uma perspectiva visual de grandeza e expressa um sentimento de liberdade. Assim, o espaço permite a movimentação de pessoas e se constitui por diferentes lugares construídos ou apropriados por seres humanos. Por esse motivo, o espaço em si pode ser experienciado segundo diferentes aspectos, por meio da disposição de objetos e lugares, com suas devidas distâncias e extensões. O lugar, neste caso, é mais específico, uma área sobre a qual se ergue uma construção ou um monumento, localizado em determinado espaço (Tuan, 1983, p. 3-14). À vista disso, o lugar é determinado por uma concreção de valor; portanto, em nossa percepção, o lugar se torna um expoente de memória cultural. Aleida Assmann (2011, p. 317) é mais específica, ao atribuir o conceito de locais de memória para determinados lugares que possuem representatividade comunicativa, identitária e religiosa para uma sociedade. Assim a memória cultural dos locais, como expõe a autora, é uma expressão sugestiva, por apontar a possibilidade de os locais se tornarem sujeitos, portadores de recordação onde a memória já é presente, ultrapassando os limites da própria compreensão humana.

Para que fique claro ao leitor, lugar seria aquele território específico em um espaço maior, que adquire significado simbólico conforme os valores de uma sociedade. Já local seria o monumento construído naquele lugar de valor, um edifício ou qualquer outra construção que, por si mesma, se torna um dispositivo de recordação, o que significa um local de memória. O Campo de Marte e o Mausoléu, sob nossa ótica, estão inseridos nessa discussão. O primeiro é um espaço sob o qual diferentes monumentos se tornaram lugares de memória, e o segundo foi erigido em um lugar específico na parte norte do Campo de Marte, entre o rio Tibre e a via Flamínia. Trata-se, portanto, de um local de memória, concordando com a proposição de Assmann, pois expressa um sentimento de recordação da época de Augusto. Como exposto anteriormente, a disposição dos espaços, monumentos e construções da cidade de Roma estava associada ao *status* de manutenção dos valores ligados à ancestralidade das famílias notáveis, bem como à transmissão de discursos, identidades em um campo de constantes disputas políticas e visibilidade social. É com este propósito que supomos o fato de Augusto ter escolhido o Campo de Marte como o espaço adequado para a construção de seu edifício funerário. Entre os autores antigos, Estrabão foi que mais detalhou o Campo de Marte, seus lugares de memória e o Mausoléu de Augusto, que certamente chamou a atenção pela localização e grandiosidade. Vejamos o trecho em que o autor aborda a espacialidade do Campo e, em especial, do monumento funerário de Augusto:

<sup>15</sup> Conferir Virgili, P.; Carnabuci, E. (2012). Mausoleo di Augusto: nuovi dati per la lettura della pianta, degli elevati e delle tecniche costruttive. le indagini archeologiche. In: Camporeale, S.; Dessles, H.; Pizzo, A. Arqueología de la construcción III. Los procesos constructivos em el mundo romano: la economía de las obras (p. 181-290). Madrid, Mérida: Consejería de Empleo, Empresa e Innovación, p. 193.

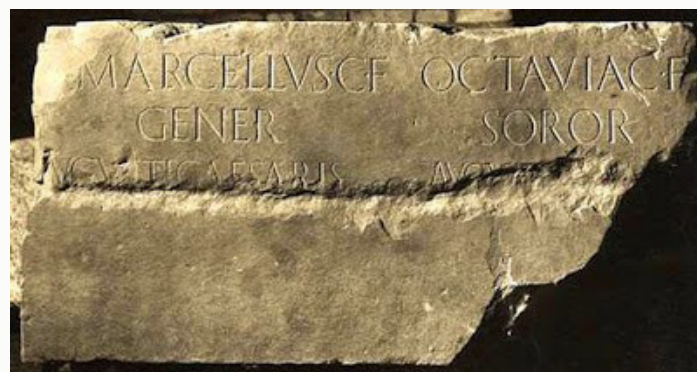
[20] E, por assim dizer, os antigos deram pouca importância à beleza de Roma, porque estavam voltados para outros assuntos mais importantes e necessários; e os pósteros, e sobretudo os de agora, em nosso tempo, não tardaram em nada disso, mas encheram a cidade com muitas e belas construções. De fato, Pompeu, [25] o divino César, Augusto, os filhos deste, seus amigos, sua mulher e sua irmã, ultrapassaram os outros em completa diligência e muitas despesas com construções; e o Campo de Marte tem a maior delas, além de seu aspecto natural, acrescentando também o cuidado com a beleza. De fato, é admirável [30] a extensão da sua planície, juntamente com as corridas de carros e todo tipo de manobra com carros de corrida, tem uma área livre para que façam exercícios gímnicos com bola, argola e palestra com uma multidão enorme; também as obras colocadas em seu entorno, o solo coberto de grama durante o ano e corado de colinas, [35] as que vão através do rio até o seu leito, que se mostra uma paisagem de pintura, apresenta um espetáculo que é difícil de se desprender. E há próximo dessa planície também outra planície com numerosos pórticos em forma circular, bosques sagrados, três teatros, um anfiteatro, templos suntuosos e contínuos [40] uns aos outros, pareciam mostrar o resto da cidade como se fosse uma obra secundária. Por isso mesmo, consideravam esse lugar como o mais digno de um recinto sagrado, construíram monumentos de homens e mulheres que estavam dentre os mais notáveis. E o mais digno de ser registrado é o chamado Mausoléu, um grande túmulo [45] sobre uma base elevada de mármore branco às margens do rio, coberto até o cimo do monte com árvores perenes; então, há no alto uma estátua de bronze de César Augusto, sob o seu túmulo estão colocados o seu corpo, os dos seus parentes e amigos íntimos, e há um grande bosque sagrado atrás dele que tem [50] passeios admiráveis; e no meio da planície, está o recinto de sua cremação, também de mármore branco, cercado por um acabamento com um círculo de ferro, e é coberto por dentro com uma plantação de álamos negros. E se alguém retornasse até antigo fórum veria nele pórticos expostos um atrás do outro [55] e pórticos de basílicas e templos, veria também o Capitólio e as obras que há lá, as que há no Palatino e no passeio de Lúvia, e facilmente poderia esquecer as do estrangeiro. Tal é, sem dúvida, Roma.<sup>16</sup>

<sup>16</sup> “[20] ὡς δ’ εἰπεῖν, οἱ παλαιοὶ μὲν τοῦ κάλλους τῆς Ῥώμης ὀλιγώρουν, πρὸς ἄλλοις μείζοσι καὶ ἀναγκαιοτέροις ὄντες· οἱ δ’ ὑπερον καὶ μάλιστα οἱ νῦν καὶ καθ’ ἡμᾶς οὐδὲ τούτου καθυστέρησαν, ἀλλ’ ἀναθημάτων πολλῶν καὶ καλῶν ἐπλήρωσαν τὴν πόλιν. καὶ γὰρ Πομπήιος καὶ [25] ὁ θεὸς Καῖσαρ καὶ ὁ Σεβαστὸς καὶ οἱ τούτου παῖδες καὶ οἱ φίλοι καὶ γυνὴ καὶ ἀδελφὴ πᾶσαν ὑπερεβάλλοντο σπουδὴν καὶ δαπάνην εἰς τὰς κατασκευὰς· τούτων δὲ τὰ πλεῖστα ὁ Μάρτιος ἔχει κάμπος πρὸς τῇ φύσει προσλαβὼν καὶ τὸν ἐκ τῆς προνοίας κόσμον. καὶ γὰρ τὸ μέγεθος [30] τοῦ πεδίου θαυμαστὸν ἅμα καὶ τὰς ἀρματοδρομίας καὶ τὴν ἄλλην ἵππασίαν ἀκώλυτον παρέχον τῷ τοσοῦτῳ πλήθει τῶν σφαιρᾶ καὶ κρίκῳ καὶ παλαιστρα γυμναζομένων· καὶ τὰ περικείμενα ἔργα καὶ τὸ ἔδαφος ποάζον δι’ ἔτους καὶ τῶν λόφων στεφάναι τῶν [35] ὑπὲρ τοῦ ποταμοῦ μέχρι τοῦ ῥείθρου σκηνογραφικὴν ὄψιν ἐπιδεικνύμεναι δυσσπάλλακτον παρέχουσι τὴν θέαν. πλησίον δ’ ἐστὶ τοῦ πεδίου τούτου καὶ ἄλλο πεδῖον καὶ στοαὶ κύκλω παμπληθεῖς καὶ ἄλση καὶ θέατρα τρία καὶ ἀμφιθέατρον καὶ ναοὶ πολυτελεῖς καὶ συνεχεῖς [40] ἀλλήλοις, ὡς πάρεργον ἂν δόξαιεν ἀποφαίνειν τὴν ἄλλην πόλιν. διόπερ ἱεροπρεπέστατον νομίσαντες τούτον τὸν τόπον καὶ τὰ τῶν ἐπιφανεστάτων μνήματα ἐνταῦθα κατεσκεύασαν ἀνδρῶν καὶ γυναικῶν. ἀξιολογώτατον δὲ τὸ Μαυσῶλειον καλούμενον, ἐπὶ κρηπίδος [45] ὑψηλῆς λευκολίθου πρὸς τῷ ποταμῷ χῶμα μέγα, ἄχρι κορυφῆς τοῖς ἀειθαλέσι τῶν δένδρων συνηρεφές· ἐπ’ ἄκρῳ μὲν οὖν εἰκῶν ἐστὶ χαλκῆ τοῦ Σεβαστοῦ Καίσαρος, ὑπὸ δὲ τῷ χῶματι θῆκαί εἰσιν αὐτοῦ καὶ τῶν συγγενῶν καὶ οἰκείων, ὅπισθεν δὲ μέγα ἄλσος περιπάτους [50] θαυμαστὸς ἔχον· ἐν μέσῳ δὲ τῷ πεδίῳ ὁ τῆς καύστρας αὐτοῦ περίβολος καὶ οὗτος λίθου λευκοῦ, κύκλω μὲν περικείμενον ἔχων σιδηροῦν περίφραγμα, ἐντὸς δ’ αἰγείροις κατάφυτος. πάλιν δ’ εἶ τις εἰς τὴν ἀγορὰν παρελθὼν τὴν ἀρχαίαν ἄλλην ἐξ ἄλλης ἴδοι παραβεβλημένην [55] ταύτη καὶ βασιλικὰς στοὰς καὶ ναοὺς, ἴδοι δὲ καὶ τὸ Καπιτώλιον καὶ τὰ ἐνταῦθα ἔργα καὶ τὰ ἐν τῷ Παλατίῳ καὶ τῷ τῆς Λιβίας περιπάτῳ, ῥαδίως ἐκλάθοι’ ἂν τῶν ἔξωθεν. τοιαύτη μὲν ἡ Ῥώμη.” Strabo (1988). Geography. Vol. V. Books 8-10. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press. Versão original em grego. Traduzido do inglês por Paulo Yoke Oliveira Arima.



Neste trecho, Estrabão esboça uma descrição com detalhes notáveis sobre o Campo de Marte. O autor apresenta que este espaço da cidade foi utilizado em diferentes épocas para construções que representavam o poder dos “homens ilustres”. Trata-se de uma vasta área de planície com bosques, onde foram construídos monumentos e templos. Estrabão menciona os maiores investidores de monumentos no Campo de Marte: Pompeu Magno, Júlio César, Augusto e seus familiares. Por isso, verifica-se uma série de construções, dedicadas a esses personagens, erigidas entre o final da República e o início do Principado. Os três teatros mencionados são, respectivamente, o de Pompeu Magno (Kuritz, 1987, p. 48), construído quando este era cônsul no ano 53 a.C; o teatro de Marcelo<sup>17</sup>, que foi uma readaptação de outra construção encabeçada por Júlio César, um ano antes de sua morte em 44 a.C, e que depois foi utilizada por Augusto para construir o teatro em homenagem ao seu sobrinho<sup>18</sup>, no ano 13 a.C; e, por fim, identifica-se o teatro de Balbo, construído também sob o Principado de Augusto pelo general Lúcio Cornélio Balbo com espólios de uma campanha militar realizada na África.<sup>19</sup>

A descrição prossegue, com detalhes precisos sobre o espaço e seus lugares específicos. Observamos que o autor considera o Campo de Marte como uma área que oportunizava desfiles com carruagens, jogos festivos e reuniões com as multidões. Além disso, o espaço também era religioso, pois contava com grandes templos e bosques, considerados como recintos sagrados. Entre esses monumentos religiosos, podemos mencionar os templos construídos em alguns períodos da República, como o templo de Castor e Pólux do ano de 495 a.C., que sofreu um incêndio no ano 14 a.C. e foi reconstruído sob os cuidados de Tibério, enteado de Augusto; encontrava-se também o templo de Juno Rainha, erguido no ano 179 a.C. e restaurado por Otávio, (Platner, 1929, p. 80-94) na época do Segundo Triunvirato. Todos esses monumentos representavam a importância do Campo de Marte para os romanos e, como se verifica no trecho supracitado de Estrabão, foi neste espaço que Otávio Augusto empreendeu seu grande projeto: a construção do Mausoléu de sua família, como se vê na Figura 3.



**Figura 3.** Inscrição em lápide funerária no local onde provavelmente estavam dispostas as urnas com as cinzas da irmã de Augusto, Otávia, e as de seu filho Marcelo

**Fonte:** <<http://augusto-imperator.blogspot.com/2015/09/el-ultimo-viaje-de-octavia.html>>. Acesso em 08/05/2021

<sup>17</sup> Conferir Cassius, D. (1955). Roman History V. 6. Cambridge: Loeb Classical Library of Havard University Press, 492p.

<sup>18</sup> Marcelo era filho de Otávia, irmã de Otávio Augusto. Ele foi o primeiro membro da família do Princeps a ser sepultado no Mausoléu, após sua morte precoce com 19 anos.

<sup>19</sup> Conferir Suetonius (1998). Live of the Caesars V. 1. Cambridge: Loeb Classical Library Oof Havard University Press, 509p. (Diuus Augustus, XXIX).

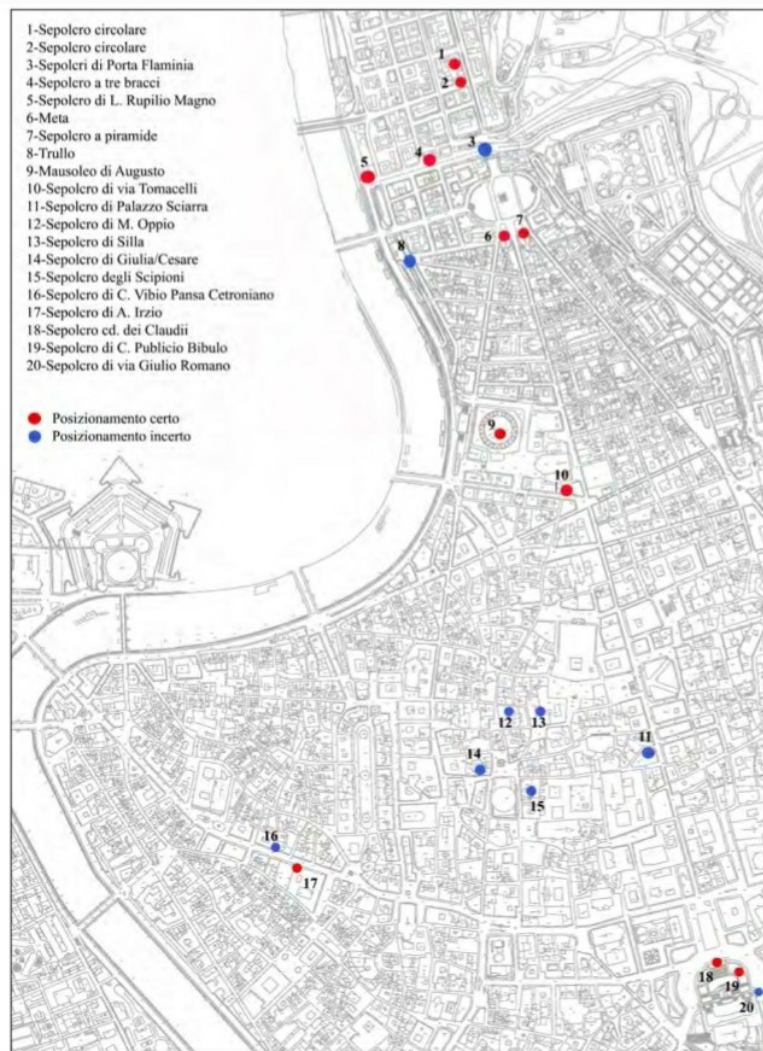
Durante o final da República, tumbas monumentais foram erguidas em locais proeminentes à beira das estradas, fora da área urbanizada. A própria tumba de Augusto marcou uma ruptura clara com a tradição romana, pelo uso da forma circular de um *tumulus* e a monumentalidade do Mausoléu, sua localização perto do Tibre, o grau de embelezamento arquitetônico e sua decisão de erigir uma tumba relativamente no início de sua carreira revelam um sentimento de identidade e valorização do espaço urbano, bem como a promoção de sua própria família para efetivação de seus interesses políticos e a consequente consolidação do Principado (Holliday, 2006, p. 282). Entretanto, o edifício funerário da família imperial ascendente não foi a única construção de Augusto, tivemos também o Obelisco transposto de Heliópolis, depois da conquista do Egito em 30 a.C. Este monumento fazia parte do complexo, conhecido como Horolégio de Augusto, ou relógio solar de Augusto. Também foi notória a construção da *Ara Pacis*, um suntuoso altar construído em mármore, com vários relevos que representavam um cortejo festivo, composto por diversos personagens emblemáticos, tanto das *gentes Iulia* e *Claudia*, quanto das magistraturas oficiais da *Res Publica*. Todos celebravam a Paz de Augusto, que foi instalada com o estabelecimento de seu Principado, a partir do ano 27 a.C. Partindo, então, dessa exposição sobre o Campo de Marte, passaremos adiante, a considerar especificamente o Mausoléu de Augusto, seu contexto de construção e os trâmites políticos que envolveram as duas famílias ligadas ao *Princeps*.

Conforme o excerto supracitado, Estrabão descreve o Mausoléu de Augusto, acentuando, sua base de mármore que se harmonizava com árvores de folha perene. Sobre o alto da construção estava visivelmente disposta uma estátua de bronze do imperador e, ao redor, conforme relata o geógrafo grego, estava disposto um bosque com passagens para os transeuntes que visitavam o lugar e o monumento no qual Augusto foi cremado, conhecido como *ustrinum*. O edifício mortuário do *Princeps* Otávio Augusto foi construído depois da vitória de Otávio Augusto, na época chamado de Otaviano, contra Marco Antônio e Cleópatra no Egito. Conforme dados historiográficos<sup>20</sup>, o Mausoléu teria sido construído entre os anos 29 a.C e 23 a.C (Omena; Funari, 2016, p. 105-109). Trata-se, portanto, de uma época em que encerrava o período costumeiramente conhecido como Segundo Triunvirato.

A vitória militar de Otávio contra Antônio e a posterior anexação do Egito como província proporcionaram a consolidação do Principado, quando o Senado, em uma manobra política, conferiu a Otávio os títulos honoríficos de *Princeps*, *Augustus* e *imperator*, em 27 a.C. Curiosamente, no ano anterior, Otávio inaugurava o monumento mortuário de sua família ao norte do Campo de Marte que, como inferimos, tratava-se de um espaço militarmente estratégico para a cidade de Roma. O monumento, com altura de 40 metros, junto com a colossal estátua de bronze que ficava no topo da coluna de mármore, dominaram a planície do Campo de Marte (Wallace-Hadrill, 2009, p. 60). Tal assertiva é corroborada pela impressionante descrição supracitada de Estrabão, pois a estrutura arquitetônica do Mausoléu foi a maior em formato circular da época. O edifício possuía 90 metros de diâmetro e sua localização dispunha de ampla visibilidade aos transeuntes que passavam pelas vias do Campo de Marte.

<sup>20</sup> Conferir autores como: Jane Clark Reeder (1992, p. 265-307); Andrew Wallace-Hadrill (2009, p. 60-61); Anna Maria Riccomini (1995, p. 265-284).





**Figura 4.** Mapa do Campo de Marte com a localização das vias de acesso, o Mausoléu de Augusto e outras 19 túmulas encontradas no espaço.<sup>21</sup>

**Fonte:** Porcari, B. (2015).

Conforme observamos na Figura 4, o Campo de Marte não possuía apenas o Mausoléu de Augusto como monumento funerário. Neste mapa, podemos constatar vinte túmulas localizadas naquele espaço, todas dispostas nas proximidades da via Flaminia. Como inferimos anteriormente, as vias de acesso à *urbs* eram estratégicas para a construção de monumentos fúnebres que comunicavam mensagens de poder militar e *status* das famílias notáveis. Tal condição nos leva a argumentar em torno da importância que a *uia* em questão possuía. Construída por volta de 220 a.C, a pedido do Censor Caio Flamínio, a via Flaminia era uma via de acesso ao norte da Península Itálica e, talvez, a mais utilizada pelas tropas que migravam para as províncias setentrionais, como as Gálias Cisalpina e Transalpina, e a Germânia. A comprovação de que o edifício augustiano foi construído sob as proximidades desta *uia* está no relato de Suetônio sobre o Mausoléu. Segundo o autor, “Esta estrutura havia sido construída

<sup>21</sup> Porcari, B. (2015). Campo Marzio settentrionale. Un nuovo monumento funerario da via Tomacelli. In F. Filippi. Campo Marzio: Nuove Ricerche Atti del Seminario di Studi Sul Campo Marzio (pp. 453-472). Roma: Edizioni Quasar di Severino Tognon.



em seu sexto consulado entre a Via Flamínia e a margem do Tibre, e ao mesmo tempo aberto ao público, mandando abrir ao público as matas e passeios que o rodeavam”.<sup>22</sup>

Neste trecho, além da comprovação de que o monumento está localizado nas proximidades da via Flamínia, há menção ao rio Tibre e ao bosque que circundava o Mausoléu, dispositivos que corroboram o retrato textual de Estrabão e reiteram nossa proposta, segundo a qual o monumento funerário de Augusto foi construído para obtenção de visibilidade social e *status* político. Em termos de tipologia, a construção arquitetônica empreendida por Augusto é identificada como *tholoi*, um tipo de túmulo encontrado na região da Etrúria. John Ward-Perkins (1974, p. 63) afirma que os imperadores eram empreendedores de construções públicas, tanto por definição que visava visibilidade política, quanto por gosto pessoal, garantindo patrocínio público elencado com símbolos de poder e autoridade. Assim, entendemos que Otávio Augusto, ao erguer seu túmulo como uma espécie de triunfo arquitetônico, após a batalha contra Marco Antônio, assegurava uma ideia de protetor de Roma contra os inimigos da *Res Publica*. Por esse motivo, os andarilhos, comerciantes e soldados de qualquer época poderiam contemplar o monumento simbólico do *Princeps*.

## Conclusão

Inferimos que o Mausoléu foi um lugar de memória e um espaço de recordação que divulgava imagens de seu idealizador, bem como da *domus* Augusta, não só para a sociedade romana da época, mas para as gerações futuras. Atrás das grossas paredes que circundavam as cinzas das *gentes Iulia* e *Claudia*, o Mausoléu foi levantado no curso da história como um símbolo de poder, ainda que despojado de seus elementos originais, o monumento foi introduzido em seu próprio benefício, ao transformá-lo para o entretenimento popular. O Mausoléu de Augusto surgiu antes que a cidade ainda vivesse a vida que lhe foi dada em várias ocasiões através dos séculos.

A estrutura monumental do edifício não só representa a importância social e pública adquirida por Otávio Augusto, como também a intenção de agregar em um mesmo espaço todos os membros de sua família. Segundo essa perspectiva, o Mausoléu possui um significado funcional que o atribui como monumento mortuário de extrema relevância para a sociedade romana, onde as cinzas dos corpos incinerados de membros das *gentes Iulia* e *Claudia* seriam depositadas. Aqui é válido ressaltar que a família era o centro de toda a celebração do funeral, bem como a guardiã do edifício funerário.

Em paralelo com Assmann, a família imperial de Augusto era responsável pela memória cultural do edifício. As lembranças de Augusto, Tibério, Lívia, Cláudio e outros congêneres da dinastia Júlio-Claudiana perpetuaram, de forma recorrente com as orações fúnebres, rituais e monumentos a eles dedicados. A memória cultural do Mausoléu alcança

<sup>22</sup> “Id opus inter Flaminiam viam ripamque Tiberis sexto suo consulatu exstruxerat circumiectasque silvas et ambulaciones in usum populi iam turn publicarat.” Suetonius (1988). *Life of the Caesars* (pp. C). Cambridge: Loeb Classical. Trecho original traduzido por Paulo Yoke Oliveira Arima.



a contemporaneidade, mediante inscrições epigráficas, fragmentos de estátuas e de urnas funerárias encontradas no interior do edifício, bem como os testemunhos e relatos, registrados em textos da documentação. Assim, compreendemos a importância desses dispositivos, como representações de memória no mundo romano.

As famílias abastadas, como a de Augusto e outros imperadores, criaram mecanismos para representar seu poder, e a morte esteve vinculada a esta prática. Por isso, os monumentos mortuários adquirem especial relevância, ao longo da história de Roma. Também as narrativas sobre funerais e as celebrações da morte, por meio de acesso a autores clássicos como os que utilizamos, se tornam armazenadores de memória e resgatam diversos valores que eram comemorados e exaltados, como parte de uma identidade social dos romanos que celebravam seus mortos e faziam dos locais da morte verdadeiros repositórios de memória e história.

## Referências bibliográficas

Assmann, A. (2011). *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, Campinas: Unicamp.

Bodel, J. (2000). Dealing with the dead. Undertakers, executioners, and potter's fields in ancient Rome. In V. Hope; E. Marshall (org.). *Death and disease in the Ancient city* (pp. 128-151). London: Routledge.

Borg, B. (2013). Crisis & ambitio: tombs and burial customs in Third Century CE Rome. In B. Borg. *Roman Tombs and the Art of Commemoration* (pp. 59-122). New York: Oxford University Press.

Camilli, L.; Taglietti, F. (2018). Sepulture e monete: il prezzo dell'Ade? A proposito dei rinvenimenti monetali in tombe della necropoli di Porto all'Isola Sacra. In M. C. Gervazoni et al. (org). *Ricerche su Ostia e il suo territorio* (pp. 1-37). Roma: L'École Française de Rome.

Campbell, V. L. (2015). *The tombs of Pompeii, Organization, Space, and Society*. New York: Routledge.

Carroll, M. (2006). *Roman funerary commemoration in western*. Oxford: Oxford University Press.

Davies, J. P. (2002). *Rome's Religious History*. Cambridge: Cambridge University Press.

Filippo Coarelli (1984). *Il foro Romano: Periodo Arcaico (Lectiones Planetariae)*. Roma: Brussels Latomus.

Glinister, F. (2006). Reconsidering "religious Romanization." In: Schultz, C. E.; Harvey, P. B. (ed.). *Religion in Republican Italy* (p. 10-30). Cambridge: Cambridge University Press.

Holliday, P. (2006). The Campus Martius (p. 281-283). Cambridge: Cambridge University Press.

Jong, L. de. (2017). *The Archaeology of death in Roman Syria: Burial, commemoration and Empire*. Cambridge: Cambridge University Press.

Kolb, A. (2019). Roman Road Building: an Introduction to Its Significance, the Sources and the State of Research. In A. Kolb. *Roman Roads* (pp. 3-21). Berlin: New Evidence–New Perspectives.

Kuritz, P. (1987). *The Making of Theatre History*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.



- Laurence, R. (1999). *The roads of Roman Italy. Mobility and Cultural Change*. London: Routledge.
- Matterne, V; Derreumaux, M. (2007). Franco-Italian investigation of funerary rituals in the Roman world, les rites et la mort à Pompéi, the plant part: a preliminary. *Vegetation History and Archaeobotany*. 17 (1), 105-112.
- Morris, I. (1992). *Death-ritual and social structure in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Omena, L. M. de; Funari, P. P. A. (2016). *Práticas Funerárias no Mediterrâneo Romano*. Jundiaí: Paco Editorial.
- Omena, L. M. de; Funari, P. P. A. (2020). A recordação funerária na Isola Sacra. In M. M. de Carvalho; L. M. de Omena (org.). *Narrativas e Materialidades sobre a morte nas Antiguidades Oriental, Clássica e Tardia* (pp. 235-256). Curitiba: CRV.
- Pearce, J. (2011). Marking the Dead: tombs and topography in the Roman provinces. In M. Carroll; J. Rempel (org.). *Living through the dead burial and commemoration in the Classical world* (pp. 134-158). Oakville: The David Brown Book Company.
- Penner, L. (2012). Gender, household structure and slavery: re-interpreting the aristocratic columbaria of Early Imperial Rome. In R. Laurence; A. Strömberg (org.). *Families in the Greco-roman World* (pp. 143-158). London: Continuum International Publishing Group.
- Platner, S. B. (1929). *A Topographical Dictionary of Ancient Rome*. London: Oxford University Press.
- Rosa, C. B. (2016). Monumenta Mortuorum: memória e religião em dois monumentos ciceronianos. In L. M. de Omena; P. P. Funari (org.). *Práticas Funerárias no Mediterrâneo Romano* (pp. 47-65). Jundiaí: Paco Editorial.
- Rosa, C. B. (2020). Imago, Imagine: máscara funerária e imagen no vocabulário plautino. In Carvalho, Maria Margarida de; Omena, Luciane Munhoz de. *Narrativas e materialidades sobre a morte nas antiguidades oriental, clássica e tardia*. Curitiba; Editora CRV.
- Saller, R. P. (1997). *Patriarchy, property and death in the roman family*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Salway, B. (2001). Travel, itineraria and tabellaria. In C. Adams; R. Laurence. *Travel and Geography in the Roman Empire* (pp. 32-33). London: Routledge.
- Shotter, D. (1991). *Augustus Caesar*. New York: Routledge
- Smith, C. J. (2006). *The Roman Clan: The Gens from Ancient Ideology to Modern Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tuan, Y.-F. (1983). *Espaço e Lugar. Perspectivas da Experiência*. São Paulo: DIFEL.
- Wallace-Hadrill, A. (2009). *Augustan Rome*. London: Bloomsbury Academic.
- Ward-Perkins, J.B. (1974). *Cities of Ancient Greece and Italy: Planning in Classical Antiquity*. New York: G. Braziller.
- Williams, H. (2004). Death warmed up. The agency of bodies and bones in early Anglo-Saxon cremation rites. *Journal of Material Culture*. 9 (3), 263-291.

Williams, H. (2016). Firing the imagination: cremation in the museum. In H. Williams; M. Giles (org). *Archaeologists and the Dead. Mortuary archaeology in Contemporary society* (pp. 293-329). Oxford: Oxford University Press.

Wood, S. (2010). *Horti in the City of Rome: Emulation and Transcendence in the Late Republic and Early Empire* (p. 75-90). Oxford: Oxbow Books.

Woodward, K. (2009). Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In T. T. Silva (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7-72). Petrópolis: Vozes.

*Recebido em: 28 de maio de 2021*  
*Aprovado em: 24 de janeiro de 2022*

